

***Cybertext***  
***Perspectives on Ergodic Literature\****

Espen J. Aarseth

Perspectivas é o que temos, quer se discuta o texto quer se discuta o cibertexto. Dizia Ricoeur que o texto como um todo singular se pode comparar a um objecto, visto de vários lados mas nunca de todos, simultaneamente. Decidimos sempre olhar de um certo modo. Ora, estamos num tempo em que do dia para a noite várias propostas, novas perspectivas, novas formas de textualidade emergem. Necessita-se para isso de uma terminologia mais consistente do que as formas que ocorrem.

Stuart Moulthrop diz na contracapa deste livro que este é o mais claro estudo dos textos electrónicos que já leu. Trata-se, com efeito, de um conjunto de ensaios que propõem uma classificação taxonómica dos sistemas de textos no quadro da sua existência electrónica.

“Ergódico” não consta do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Mas podemos inferir que se *ergo* exprime a noção de trabalho – donde ergologia, ergonomia, ergofobia (horror ou aversão patológica ao trabalho!) – literatura ergódica há-de ter que ver com o trabalho (de parto) que toda a literatura representa e que remete para o campo interno em que esse trabalho ocorre. O interesse deste livro radica mais nas suas questões do que nas suas respostas. E as questões são estas: podem os jogos de computador ser também literatura? Será necessário formular uma nova estética da textualidade ciborgue? O desenvolvimento rápido do género jogos de computador será um sinal que o modo narrativo do discurso (romances, séries de TV, filmes) está a perder a

sua posição dominante na nossa cultura? Como tratar com esta nova forma ergódica e a sua relação com a narrativa?

Trata-se, como se vê, de um olhar, de uma perspectiva interdisciplinar sobre o futuro da literatura e de um estudo crítico sobre a poética da cibermídia e dos jogos de computador. É verdade que as discussões interdisciplinares se tornam por vezes paroquiais e moles. O que não significa que as discussões neste domínio tenham de levar à atitude do “anything goes”, à indecibilidade ou à aporia. Os conceitos desempenham um papel crucial no tráfego entre disciplinas. Por exemplo, o conceito de “linearidade”. A literatura convencional assenta em pressupostos na ideia de determinismo mecanicista que serve de base ao paradigma científico até ao nascimento da mecânica quântica e que se confunde com os ideais de linearidade e de ordem aristotélica. O princípio da incerteza (Heisenberg) e o conceito de “função de onda” (Schrodinger) tornou o tecido do mundo mais fugidio, ficando tudo sujeito ao devir e à probabilidade. Mais ainda, doravante não é mais possível observar um objecto sem interferir ou alterá-lo. O observador passa a ser parte integrante da experiência. Quem não vê aqui o problema da leitura como um momento de *decisão* e a própria interpretação como um “fazer ondas”?

*Cybertext* explora a estética e a dinâmica textual da literatura digital e dos seus vários géneros que inclui a hiperficção, os jogos de computador, a poesia e a prosa gerados por computador e os textos de colaboração via Internet como MUDs. Em vez de insistir na singularidade e na novidade da “escrita electrónica” ou na “ficção interactiva”, conceito nebuloso, o autor situa estas novas formas literárias no interior do campo mais vasto e mais antigo da “literatura ergódica”, um termo pedido de emprestado à física para descrever textos abertos, dinâmicos, tais como os *I Ching*

\* Tradução portuguesa em preparação por Pedra de Roseta – Edições e Comunicação, Lda.

# RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

ou os caligramas de Apollinaire, ou ainda os experimentos literários do OuLiPo. Aí estão textos abertos, dinâmicos em que o leitor pode executar acções específicas para gerar sequências literárias que podem variar de leitura em leitura.

Aarseth constrói um modelo teórico que descreve como estas formas literárias são diferentes umas das outras. Confronta teorias literárias da narrativa, semiótica e retórica com o campo empírico da literatura ergódica e examina os problemas e a utilidade da aplicação destas teorias num material para que foram criadas. O essencial do seu trabalho está na proposta de uma tipologia da textualidade não linear, partindo da matemática, não da física (Katherine Hayles): a leitura de um texto não linear não é o mesmo que uma leitura informada pela investigação da geometria fractal ou pela teoria do caos. Aarseth parte do ramo matemático da topologia. A versão textonómica da topologia pode descrever-se como “o estudo das maneiras em que as diversas secções de um texto estão conectadas, independentemente das propriedades físicas do canal (papel, pedra, suportes electromagnéticos, etc.) através da qual se transmite o texto”. Para falar das unidades textuais que entram na topologia dum texto, Aarseth fala de *textão* que indica um elemento básico da textualidade. Um outro termo, *escritão*, pertence ao processo de leitura. Um *escritão* é uma sequência ininterrompida de um ou mais textões tal como são projectados pelo texto. A alternativa para *textão* poderia ser *lexia*, de acordo com as unidades de leitura de Roland Barthes em S/Z. Mas Aarseth evita este termo, dado o carácter serial (fragmentos contíguos) e o destrutivo processo da sua separação (segmentação) do texto. As *lexias* para Barthes são afinal uma violenta demonstração de “leitura”.

Os conceitos de *textão* e de *escritão*, de leitura difícil em português, permitem situar os

textos em mudança que são os textos não lineares no confronto com outros conceitos. Um texto não linear é uma obra que não apresenta escritões numa sequência fixa, tanto temporal como espacial. O que vemos é sequência arbitrária em virtude da acção do utilizador, do texto ou de ambos. Num texto estático os escritões permanecem constantes enquanto num texto dinâmico podem mudar mesmo que permaneça fixo o número de textões. Um texto é determinado quando os escritões adjacentes a todos os escritões são sempre os mesmos e indeterminados quando não é assim. Na taxonomia de Aarseth os textões referem-se a signos verbais armazenados em sistemas media, em contraste com os escritões, signos verbais produzidos manifestados no sistema media como um resultado das acções de um sistema utilizador. Thomas A. Porter faz uma pertinente crítica a esta taxonomia, dada a dificuldade de determinar a fronteira que separa os textões e os escritões. Os livros são como as comunidades: incompletas e defectivas. Por isso se escrevem outros livros. Moulthrop, um teórico eminente do hipertexto e um escritor provado da hiperficção, esperava este livro. Aí está um livro maior à espera de leitores portugueses menos lineares, menos realistas, que deverão começar por este livro antes de passar a um outro.

José Augusto Mourão  
(UNL/DCC)